

CRÔNICA SOBRE MEDELLIN

*Presbítero José Marins
Brasil*

NOTA INTRODUTÓRIA

Nós, brasileiros, fomos a Medellín como Igreja que ia por uma importante caminhada pastoral de conjunto. Para a maioria dos que íamos à II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (1968), tratava-se de uma participação “comunitária” (“colegiada”) da nossa Igreja, como um corpo integrado e não de uma colaboração que privilegiasse o caráter e os talentos individuais (que evidentemente nunca são excluídos ou sub-valorizados).

É pois com essa perspectiva —encontro do processo pastoral de nosso país com as Igrejas irmãs da América Latina, que organizamos estas CRÔNICAS, contentando-nos de narrar, sem maiores preocupações de argumentar e provar (com aparato científico correspondente). Focalizamos privilegiadamente a elaboração do Documento referente aos Presbíteros, pois foi nele que atuamos mais diretamente.

O estilo é de CRÔNICAS, por assim dizer, mais jornalístico e não tanto de elaboração teológica-pastoral explícita.

Cada vez que se conta uma experiência por muitos vivida conjuntamente, descobre-se que:

- mesmo desejando e procurando ser completo e objetivo, muitos detalhes escapam à própria observação.
- outras dimensões, quem sabe até mais importantes, foram detectadas pelos colegas, ou por eles foram expressadas de maneira mais feliz.

- ninguém pode dizer tudo sobre Medellín .. dizemos algo, possivelmente dizemos pouco e mal... mas o bom é que podemos dizê-lo.

A CRÔNICA sai como recordação, se expressa como quem conta uma história, que para ele pessoalmente foi interessante, oxalá seja também para quem a escuta, 25 anos mais tarde...

* * *

Os brasileiros delegados à II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, reuniram-se no Rio de Janeiro, para um último “acerto de ponteiros” na CNBB, antes da viagem. Estávamos eufóricos com os passos que como Igreja íamos conseguindo, depois do Vaticano II. A grande conquista coletiva era o Plano de Pastoral de Conjunto (para 5 anos) feito depois de avaliar a experiência do plano de Emergência (1962-64) que conseguira animar o país e organizar a Igreja em Regionais, estabelecendo um Objetivo Geral de *Igreja Comunhão e Serviço*, assim como um *Quadro de Referência* amplo e unitário, capaz de sintetizar em seis linhas a visão e a ação da Igreja (1. Unidade visível, 2. ação missionária, 3. ação catequética, 4. ação litúrgica, 5. ação ecumênica, 6. ação transformadora do mundo).

Bem, no Rio de Janeiro, conseguimos a caro custo, resumir as prolongadas e exigentes reuniões com o Padre Raimundo Caramurú de Barros (coordenador do plano, sub-secretário geral de CNBB e homem de grandes talentos de inteligência e visão teológica), e saímos direto para o aeroporto do Galeão. Partimos com a VARIG. Foi um vôo noturno que levou a maior parte do grupo brasileiro, do Rio a Bogotá, com escala de uma hora em Lima.

Chegamos de madrugada em Bogotá, deslumbrados com o tapete de luzes que dava um aspeto mágico à Savana e à entrada da capital colombiana, que de madrugada parecia tao inocente e pacífica.

A acolhida e organização local (da recepção no aeroporto ao alojamento no Seminario Maior de Medellín) foi impecável, carinhosa, adequada e validamente “executiva”.

No Boing 727 da Avianca, que nos levou de Bogotá a Medellín, estive sentado na mesma fila onde viajava o pequeno (fisicamente) e mundialmente apreciado D. Helder Câmara. Ele trazia uma inigualável experiência de atuação no Vaticano II onde entrara como Secretário

Geral da CNBB e terminara como Arcebispo de Recife (PE). Onde atuara com Mons. Larrain (na primeira sessão), Mons. Bogarin, Montini, Suennes, Congar... estabelecendo contato com tudo o que de mais significativo havia na Igreja católica, nos ambientes de outros cristãos e no mundo contemporâneo ao Concílio. A presença desse homem singular, certamente foi um dos pontos que fecundou a assembléia de Medellín. Sua capacidade de relacionar-se, de comunicar idéias e esperanças, sua incrível resistência física, sua habilidade para formular de maneira sintética e brilhante, conteúdos teologicamente densos e complicados, fazem dele uma preciosidade em qualquer assembléia.

A viagem foi confortável e curta. Quando percebemos, já estávamos voando entre montanhas e a ponto de descer rumo ao aeroporto da exuberante cidade antioquenha. Para alguns era algo pitoresco e digno de fotografias. Para outros, que faziam sua primeira experiência de navegar entre os cumes andinos, a impressão não podia ser eufórica. Olhavam preocupados pelas janelinhas ao ver como as montanhas “se aproximavam” rapidamente... O avião estava mais baixo do que elas, e não tinham como identificar onde iam aterrissar e se tudo aquilo fazia mesmo parte da viagem ou era algo imprevisto que estava acontecendo...

Mais tarde, depois de instalados bem à vontade e bem seguros no alto do seminário maior, alguns comentavam o susto da manhã e confirmavam que tinham preferência para contemplar a cidade e o panorama lá no seminário, mais do que de dentro do avião, insistindo sabiamente que “—Daqui a gente vê melhor...— É claro... (apoávamos entendendo a perspectiva e o problema deles).

A efetiva, efusiva e barulhenta convivência latino americana, exuberante em abraços, aclamações... o contato pessoal com os líderes religiosos das diferentes áreas e pela primeira vez, para muitos da Igreja Católica, a convivência com irmãos não católicos, o expor-se a realidades cultural-sócio-econômica-religiosa de conjunto continental foi certamente um dos pontos mais importantes da reunião de Medellín. Era isto que mais comentávamos entre os brasileiros para os quais a língua nunca foi barreira, seja para a própria comunicação, como para a captação dos demais.

As magníficas palestras de D. Avelar Brandão Vilela, presidente do CELAM, num português esmerado e de cunho literário, a sua simpatia e comunicação pessoal, haviam já estabelecido uma plataforma favorável de relações e de acolhimento à língua portuguesa em geral e aos brasileiros em particular.

No que se refere ao conteúdo dos trabalhos, sentimos, desde o início que era importante precisar mais cientificamente a problemática continental. O recente encontro latino americano de Catequese, que precedera de poucos dias à própria Conferência e no qual estiveram atuando vários dos seus participantes, havia insistido clara e contundentemente numa posição profética da Igreja como corpo conjunto, diante dos problemas do povo, do qual subia um surdo clamor de sofrimento e que colocava na Igreja as suas esperanças de apoio e de orientação.

A reflexão sobre o desenvolvimento e o engajamento social desenvolviam-se rapidamente. Os encontros de Itapoan (Bahia, Brasil), de Mar del Plata (Argentina), tinham feito um importante trabalho de despertar consciências, de tentar marcar linhas de ação. A Igreja do Brasil estava apostando muito no processo pastoral do Nordeste e do Centro-Oeste do país. O movimento de Natal e a atividade de D. Eugênio Sales, liderando a Igreja pobre da região, apoiado pelo conjunto do episcopado colocara a Igreja no bojo do problema dos humildes, vendo não apenas uma resposta assistencial ou promocional, mas também de estruturas.

Na periferia de Recife (Pernambuco), Paulo Freire desenvolvia os passos originais da Educação de Base, refletindo sobre a pedagogia do oprimido. A maioria das dioceses pobres tomavam como ação prioritária a organização das Escolas Radiofônicas, assumindo o que se denominava a *Educação de Base (MEB)*.

Nos primeiros momentos de trabalho em pequenos grupos, Medellín concentrou a atenção sobre a realidade do continente pobre, religioso, oprimido. No documento de Paz e Justiça surgiram os debates mais quentes e fecundos.

Em torno ao tema da Pastoral da conjunto, colocamos outras colaborações, que vinham de trabalhos a nós muito queridos. Trazíamos para compartilhar na mesa fraterna latino americana, as primeiras experiências de comunidades eclesiais de base, que estavam nascendo no interior do estado do Rio de Janeiro (desde os pionerismos dos catequistas populares, de D. Agnelo Rossi em Barra do Pirai); Cravinhos e Valinhos (Padre Benedito Pessoto) no estado de S. Paulo; Ponte dos Carvalhos (em Pernambuco), S. Paulo do Potengi (Mons. Expedito no Rio Grande do Norte), Pirambú (Hélio Campos, no Ceará), Tutoya no Maranhão. Uma já abundante literatura descritiva e de reflexão teológico-pastoral tinha aparecido e a aceitação das CEBs ganhara não somente as bases (como fogo em palha seca...), mas estava assumida oficialmente pelo Plano de Pastoral Nacional da CNBB.

Havia também passos na linha de CEB, na República Dominicana, no Panamá, esboços em Choluteca (Honduras), Chile e Paraguay.

O que dava entusiasmo e força aos trabalhos em Medellín era o ver que se estava elaborando, articulando propostas originais. Pela primeira vez, quem sabe, essas igrejas da “periferia” tinham algo importante para dizer e diziam em um fórum internacional. Não estavam fotocopiando propostas pastorais de outras partes, nem “requeitando” soluções de outros tempos.

Com o grupo brasileiro veio também a Irma Irany Vidal Bastos, das Missionárias de Jesus Crucificado, que no Rio Grande do Norte, apoiada por D. Eugênio, inaugurar a experiência de Nisia Floresta (logo seguida pela de Itaipú, das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, com Ir Natália). pequena paróquia rural, onde uma equipe de religiosas assumia uma paróquia sem sacerdote residente (havia outras 400 paróquias no país, esperando a oportunidade de serem atendidas...). As religiosas já não tinham nem hospitais, nem escolas, nem somente cuidavam da catequese da primeira comunhão, mas eram como que o “pároco de fato”, assistidas por um sacerdote que juridicamente tinha o título e lhes dava uma assistência às vezes semanal, às vezes mensal, para a Eucaristia e outras orientações. As irmãs mobilizavam o povo na linha de assumir mais direta e imediatamente a ação pastoral local. Ali se desenvolviam o que hoje chamamos novos ministérios não ordenados (visitadores de doentes, catequistas de vários níveis, visitadores de família, servidores da mobilização social, educadores de base, celebradores do Domingo sem missa, etc.). Além disso, as irmãs participavam da reunião diocesana mensal do clero e algumas delas, como a própria Irma Irany, de tempos em tempos atuava em uma equipe mixta (grande novidade para a época), ajudando a motivar e orientar outras áreas do país que também se alinhavam para abrir paróquias com religiosas e reencontrar outras dimensões para a ação pastoral das mesmas.

O trabalho de base, que assim se delineava, colocava necessariamente a temática da religiosidade popular. Como interpretá-la, como atuar em relação a mesma, porque era essa a realidade mais profunda de catolicismo continental de cunho popular mariano. O padre Segundo Galilea, Lúcio Gera, Renato Poblete estavam trabalhando a temática e seus escritos foram de não pequena ajuda para a reflexão continental juntamente com trabalhos de outros chilenos, argentinos e brasileiros.

Nessa época estive responsável, juntamente com D. Valfredo Tepe OFM, pela linha 1 da CNBB (Unidade visível), dedicando-me primária-

mente ao clero. Mais do que evidente, que fosse logo para o grupo de Medellín que se encarregou do documentos aos presbíteros.

Na sala em que nos reunimos para trabalhar o tema, estavam cerca de 30 pessoas (Cardeais, Arcebispos, Bispos e poucos assessores). Havia ainda um certo cerimonial para essas reuniões e foi necessário quebrar o gelo, propondo algum esquema para dar partida. Resumimos a experiência da CNBB, que trabalhara no último ano a temática sobre a vida e o ministério dos presbíteros como tema de reflexão nacional e conteúdo da última assembléia geral, na qual Mons. Eduardo Pirônio havia pregado um muito valioso retiro espiritual a seus colegas bispos. Os presbíteros do país haviam elaborado alentado documento que recolhia a nível nacional as preocupações e propostas dos mesmos, o que foi polêmico e causou muitos interrogantes por parte de setores da Igreja e de fora. A firmeza e profundidade de D. Tepe, ajudou a que fosse um momento de crescimento eclesial e não de separação. Os presbíteros do Brasil se haviam sentido escutados e tomados muito a sério.

O Padre Egídio Vigano, salesiano do Chile, trouxe uma colaboração muito válida, ajudando a abrir o tema e aprofundar aspectos que havíamos dado, quem sabe demasiado rapidamente, por suposto. Mons. Tapajoz, brasileiro, do Rio de Janeiro, outro assessor do nosso tema, entrou na arena com sua peculiar diátribe que podia expressar coisas muito importantes num tom polêmico, exigindo exatidões, questionando e sacudindo o que já parecia seguro e bem estabelecido. Partindo de sua capacidade jurídica e de sua longa experiência de sacerdote exemplar, tinha mais propostas e precisações que fomos escutando pacientemente (nem sempre). Os três Vigano, Tapajoz e eu, tivemos longos e pesados trabalhos de elaboração. Horas e horas de reunião que se prolongavam noite a dentro, com acertos e desacertos, recolhendo propostas, desenvolvendo pontos que os demais haviam somente indicado ou aprovado em termos ainda por demais genéricos. Havia que cortar propostas detalhadas ou expressões que iam na linha de piedosas jaculatórias e e que não tinham relação com a realidade, ou permaneciam confortavelmente nas nuvens das reflexões acadêmicas, justificáveis, mas pouco aplicáveis.

Os bispos foram se animando a dizer tudo o que queriam sobre o tema e entre eles houve vários momentos de discussões fraternas proveitosas para cortar arestas ou completar visões que tinham ficado tributárias de uma teologia ou prática presbiteral préconciliar. O sr. Cardeal Baggio era do nosso grupo e várias vezes veio dar uma colaboração extra

aos trabalhos. A título pessoal fomos buscar as luzes sempre profundas e oportunas de D. Aloísio Lorscheiter.

D. José Maria Pires (Arcebispo de João Pessoa, Brasil), abriu fogo sobre vários pontos críticos da vida e ação dos presbíteros. Escreveu e pronunciou uma intervenção valente que provocou ondas de reações.

Quando, com o primeiro esquema e redação do documento, fomos ao plenário, a assembléia estava interessada e quente em torno ao tema violência... o nosso documento ficou deslocado e não agradou. Mandaram-no de volta, para ser reelaborado. Achemos que ralmente ele precisava de ser melhorado. O sr. Cardeal Baggio agarrou-me pelo braço e disse: "Vamos ajudar este grupo a fazer um documento bem melhor. Essa gente é capaz disso. Não dá para esperar mais...".

O Padre Egídio Viganò tomou a peito o desafio e o trabalhou de um tom de estímulo, compreensão e de perspectiva, não gastando demasiadas energias em recordar aos presbíteros suas obrigações, responsabilidades, aliás já bem sabidas e duramente vividas.

Afinal, também Tapajoz estava satisfeito e chegamos ao novo plenário conseguindo aprovação e vários aplausos.

Nos corredores e nas relações com outros grupos que trabalharam os demais temas, fomos acompanhando um pouco o andar do conjunto. Várias vezes nos intervalos falamos com Gustavo Gutiérrez, que comunicava os primeiros esboços do que depois se especificou como a sua teologia da libertação. Ele ajudara bastante a escrever alguns discursos "ponências" de prelados importantes que marcaram a Assembléia. Sua colaboração foi importante. Naquela época era aceito e apreciado, circulando muito à vontade entre os bispos.

A coordenação silenciosa, eficiente e exigente de Cecílio de Lora, de Marcos McGrath, mantiveram um ambiente de trabalho sério e ao mesmo tempo conseguiram um clima de certa distensão, onde os choques de idéias não faltaram, mas eram ainda expressões de posições que não se haviam radicalizado. Os espaços de encontro eram abundantes. Os desencontros esporádicos.

* * *

Terminamos Medellín de certo modo contentes com o que havíamos produzido e conosco mesmos.

A equipe do Brasil trouxe:

- una experiência e exigência de abrir-se mais aos demais países, minimizando a barreira da língua, a diferença cultural histórica, com o propósito de não ficar “de costas” para o continente.
- a posição profética que a Conferência tomou, o que ajudou muito nos pronunciamentos e orientações dos anos seguintes, especialmente no campo político.

O Brasil já estava debaixo do regime militar desde 1964 e as coisas começavam a endurecer-se (expulsão de sacerdotes, torturas, desaparecidos...). A CNBB ia de “ponta” com os novos donos do país. Os atritos eram múltiplos e as posições episcopais valentes, das quais todos sentimos um justificado “orgulho” evangélico, para expressá-lo de outro modo, os nossos bispos eram valentemente evangélicos. O dito em Medellín, a nível do continente, foi de grande apoio para a nossa Igreja concreta.

A convicção de que a colegialidade, o trabalho conjunto, tem que ser o estilo peculiar de nossas comuniades eclesiais, em todos os níveis. O povo cristão tem que ter maior participação na maneira de articular e por em prática a vida eclesial. A Igreja deve ser pobre. No continente há grandes reservas de fé, pois o povo é profundamente religioso. Unir a fé a vida, manter a comunhão eclesial é certamente o que o Espírito de Deus urgia, de modo singular para o nosso tempo e para a América Latina.